

Jesus de Belém ou de Nazaré?

Quem for tão ignorante, ou tão inocente, capaz de abrir o Novo Testamento na esperança de encontrar uma fonte histórica imparcial, será repellido como se por um pé-de-vento. Abra-o, e encontrará uma Caixa de Pandora de desafios pessoais e injunções éticas. (WILSON, 2007).

Resolvemos fazer o presente estudo pelo motivo de já termos visto estudiosos bíblicos dizerem que Jesus não nasceu em Belém, fato, que a princípio, pareceu-nos estranho haja vista que sempre nos falaram que sim. Talvez o comodismo de aceitar certas coisas, sem questioná-las, especialmente, aquelas vindas de pessoas que, em nosso julgamento, parecem conhecer do assunto, nos fez acreditar nessa história a respeito da cidade do nascimento de Jesus.

João Loes (1983-), em reportagem, na revista *IstoÉ*, intitulada "A face humana de Jesus", apresenta o seguinte sobre esse assunto:

Embora os evangelhos de Mateus e Lucas afirmarem que Jesus tenha nascido em Belém, é muito provável que isso tenha ocorrido em Nazaré. **"Todos os grandes especialistas bíblicos são unânimes em admitir que Jesus nasceu em Nazaré", afirma Frei Betto**, religioso dominicano autor do recém-lançado "Um homem Chamado Jesus". **Ao que tudo indica, Lucas e Mateus teriam escolhido Belém como cidade natal de Jesus para que suas versões da vida de Cristo se alinhassem a uma profecia do Antigo Testamento**, segundo a qual o Messias nasceria na Cidade do Rei Judeu, ou seja, a Cidade de Davi, que é Belém. (LOES, 2009, p. 65, grifo nosso).

Realmente, Mateus dá como certo o nascimento de Jesus em Belém, seu objetivo parece confirmar o que foi dito na reportagem, que é o de fazer-nos crer que o nascimento nessa cidade tenha ocorrido para cumprimento de uma certa profecia, pois, ele, Mateus, mais do que qualquer um dos outros evangelistas, preocupava-se em relacionar os vários acontecimentos da vida de Jesus com algum tipo de profecia, chegando ao ponto de até mesmo de citar profecias inexistentes, como é o caso, por exemplo, do passo Mt 2,23, que iremos ver, no qual ele diz que profetas previram que Jesus "*Será chamado o Nazareno*".

Elaine Pagels (1943-), professora de religião na Universidade de Princeton, confirma essa tendência do autor do Evangelho de Mateus: "[...] Hoje, porém, **muitos estudiosos sugerem que a correspondência entre profecia e evento que Mateus descreve mostra que ele às vezes adaptou sua narrativa de modo a adequá-la às profecias**". [...] (PAGELS, 2004, p. 114, grifo nosso).

Mt 2,1-6: "**Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: 'Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem'. Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: 'Em Belém, na Judeia, porque assim está escrito por meio do profeta: 'E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo''**".

A questão de Jesus ter nascido em Belém é hoje motivo de sérios questionamentos por parte dos estudiosos, como por exemplo, James D. Tabor (1946-), professor do Departamento de Estudos Religiosos da Universidade da Carolina do Norte, em Charlotte, graduou-se em doutorado pela Universidade de Chicago em Estudos Bíblicos e é especialista nos Manuscritos

do Mar Morto, que em seu livro intitulado *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, nos dá a seguinte informação:

Existem estudiosos do Novo Testamento que duvidam da validade histórica até mesmo desse arcabouço básico, especialmente da história do nascimento de Jesus em Belém. **Sustentam que a história de Belém foi provavelmente acrescentada para dar crédito a Jesus como Messias descendente de Davi, já que Belém era a cidade de Davi.** Existem certos indícios de que a questão do local do nascimento de Jesus, na Galileia ou na Judeia, tornou-se uma questão de controvérsia e discussão dentro de grupos judeus (consulte João 7:40-44). (TABOR, 2006, p. 336, grifo nosso).

Podemos ainda citar uma conclusão emanada do Seminário de Jesus, “uma instituição composta por cerca de 100 pesquisadores, altamente qualificados, que, há 26 anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos, em busca das palavras e ações autênticas de Jesus”. (SOUZA, 2011, p. 65): **“Jesus provavelmente nasceu em Nazaré, sua cidade natal.** Lendas posteriores que localizam seu nascimento em Belém foram inventadas para satisfazer uma antiga profecia”. (SOUZA, 2011, 104, grifo nosso).

Outros autores confirmam essa história da inclusão no texto do nascimento em Belém para relacionar o episódio ao cumprimento uma suposta profecia.

Vejam algumas outras interessantes conclusões dos especialistas participantes do Seminário de Jesus:

Jesus não nasceu de uma virgem; os pesquisadores do SJ duvidam que Maria tenha concebido Jesus sem relação sexual. O pai de Jesus foi José ou algum outro homem desconhecido que seduziu a jovem Maria [...] (SOUZA, 2011, p. 104, grifo nosso).

O recenseamento mundial, a viagem para Belém, a estrela no oriente, os astrólogos [reis magos], a fuga para o Egito e o retorno do Egito, o massacre das crianças, os pastores nos campos e o parentesco com João Batista **são tudo ficções cristãs.** (SOUZA, 2011, p. 104, grifo nosso).

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que **apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos pode ser, de fato, consideradas autênticas,** ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) (SOUZA, 2011, p. 67, grifo nosso).

A *Revista Superinteressante nº 183*, publica um artigo do jornalista e editor Rodrigo Cavalcante intitulado “*Quem foi Jesus?*”, do qual ressaltamos este interessante trecho:

[...] E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente **Jesus não nasceu em Belém.** “Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus **nasceu em Nazaré**”, diz o padre Jaldemir Vitório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vitório explica que o texto segue o gênero literário conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. **No caso de Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento – que, segundo a tradição, teria nascido lá.** (CAVALCANTE, 2002, p. 43, grifo nosso).

Pelo que se depreende desse texto, para o autor de Mateus, a família de Jesus residia em Belém, local de seu nascimento, tal fato se deu, conforme sua alegação, para se cumprir

uma suposta profecia de Miqueias que diz:

"Mas você, Belém de Éfrata, tão pequena entre as principais cidades de Judá! É de você que sairá para mim aquele que há de ser o chefe de Israel. A origem dele é antiga, desde tempos remotos". (Mq 5,1 ou 5,2).

A citação dessa "profecia" de Miqueias é pura apelação, porquanto, quem a utilizou, simplesmente, pegou parte de um texto, fora do seu contexto, fato que leva quem o lê a crer numa realidade completamente diferente daquela que corresponde à verdade dos acontecimentos. Para entendermos o contexto é necessário continuarmos lendo a sequência da narrativa:

*"Pois Deus os entrega só até que a mãe dê à luz, e o resto dos irmãos volte aos israelitas. De pé, ele governará com a própria força de Javé, com a majestade e o nome de Javé, seu Deus. E habitarão tranquilos, pois ele estenderá o seu poder até as extremidades da terra. Ele próprio será a paz. Se a Assíria invadir o nosso território e quiser pisar o interior de nossos palácios, poremos em luta contra eles sete pastores e oito comandantes. Eles vão governar a Assíria com espada, a terra de Nemrod com punhal. **Ele nos livrará da Assíria, se invadirem o nosso território, se atravessarem nossas fronteiras**". (Mq 5,2-5 ou 5,3-6).*

A pessoa de quem Miqueias está falando, nesse passo, é, provavelmente, Ezequias, filho do rei Acáz, Rei de Judá (721-693 a.C.), é nele que o povo hebreu deposita a sua esperança em livrá-lo da Assíria, portanto, nada tem a ver com alguma profecia a respeito de Jesus, por mais esforço exegético que se faça.

Mateus, na continuação da narrativa, passa a informar da fuga da família de Jesus para o Egito, de onde todos retornam para morar em Nazaré:

Mt 2,13-23: *"Depois de sua partida, um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse: 'Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar'. José levantou-se durante a noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito. Ali permaneceu até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta: **Eu chamei do Egito meu filho (Os 11,1)**. Vendo, então, Herodes, que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irado e mandou massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo exato que havia indagado dos magos. Cumpriu-se, então, o que fora dito pelo profeta Jeremias: **Em Ramá se ouviu uma voz, choro e grandes lamentos: é Raquel a chorar seus filhos; não quer consolação, porque já não existem! (Jer 31,15)**. Com a morte de Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito, e disse: 'Levanta-te, toma o menino e sua mãe e retorna à terra de Israel, porque morreram os que atentavam contra a vida do menino'. José levantou-se, tomou o menino e sua mãe e foi para a terra de Israel. Ao ouvir, porém, que Arquelau reinava na Judeia, em lugar de seu pai Herodes, não ousou ir para lá. Avisado divinamente em sonhos, retirou-se para a província da Galileia e veio habitar na cidade de Nazaré para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: **Será chamado Nazareno**".*

Nesse trecho o autor de Mateus volta a "atacar" com as supostas profecias, citando mais três, que, também, nada têm a ver com Jesus.

Será que Herodes tentou mesmo matar o menino, como é afirmado? O primeiro problema que se nos apresenta é "que Herodes faleceu quatro anos antes da era cristã" (WILSON, 2007, p. 11). Por isso essa suposta matança das crianças tem tudo para ser algo fictício, o que é fácil de se perceber, pois não há um relato sequer que João Batista, a essa época com menos de dois anos, tenha sido poupado por Herodes ou que, talvez, sua família tenha também fugido para escapar dele. Quanto a idade de João Batista basta ler Lucas (1,39-44) para ver que a jovem Maria foi visitar Izabel, mãe de João, e esta, "cheia do Espírito Santo" (v. 41) reconheceu a gravidez de sua prima.

Pepe Rodríguez (1953-), destacado jornalista de investigação, especialista em religiões comparadas, com diversos livros já publicados, dá a respeito de Mt 2,13-18, citado acima, a seguinte opinião:

Este relato é o máximo: mostra um Herodes profundamente estúpido que, apesar de "perturbado" com a notícia do nascimento de um rei messias que podia destroná-lo (Mt 2,3-5), se revela incapaz de enviar os seus soldados a Belém, situada a pouca distância do seu palácio, para o prender e, em lugar de mandar, ao menos, algum dos seus muitos espias da corte para que o informassem com diligência, ficou à espera das notícias de três magos desconhecidos que se haviam declarado adoradores do recém-nascido. Um recém-nascido que, conforme conta Mateus, já podia ter perto de dois anos, o que nos leva a perguntar: passou Jesus os seus dois primeiros anos num estábulo à espera dos magos?, ficou Herodes durante esses dois anos à espera dos magos sem tomar qualquer medida, mesmo depois de esse prazo ter passado?, eram tão idiotas os soldados de Herodes que não soubessem distinguir entre um recém-nascido e uma criança mais crescida, a ponto de Herodes ter de os mandar assassinar todos os nascidos "de dois anos para baixo"?

Contrariamente ao que nos fazem crer Mateus, os dados históricos reais dizem-nos que Herodes não era um rei papa-açorda e sanguinário. Muito pelo contrário. **Mas, ao silenciarem os factos descritos por esse evangelho, dizem-nos também que Mateus está a mentir. Não aparecem relatados em lado algum; nem mesmo nas *Antiguidades Judaicas* ou em qualquer outra das obras documentadas do historiador judeu Flávio Josefo (c. 37-103 d.C.): este autor, que lutou contra os Romanos na guerra judaica, nunca deixou passar em silêncio os massacres cometidos contra o seu povo, sendo assim impossível não ter contado – num relato minucioso, como são todos os seus – a notícia da matança das crianças, se esta tivesse efetivamente acontecido (15).**

Esta lenda, como restante mito evangélico sobre Jesus, é falsa. Na sua origem contam-se antigas tradições pagãs. Como é óbvio, foi introduzida por Mateus – o único texto canónico em que aparece – por um motivo muito concreto: reforçar a credibilidade do mito básico do cristianismo, mostrando como este dá cumprimento a duas supostas profecias sobre o Messias.

(15) Por outro lado, dado que os Judeus, submetidos ao Império Romano, não podiam aplicar a pena de morte aos seus próprios concidadãos, sem uma autorização explícita do governador imperial, não é razoável pensar-se que Herodes tenha ordenado a matança, como não é provável, caso tal tivesse acontecido, que o rei judeu não tivesse sido castigado pela autoridade romana.

(RODRÍGUEZ, 2007, p. 110-111, grifo nosso).

Por outro lado, segundo o escritor Werner Keller (1909-1980), "inexiste prova histórica ou arqueológica da 'fuga para o Egito'". (KELLER, 2000, p. 366). Sobre esse assunto, não nos estenderemos, porquanto, já o estudamos, pormenorizadamente, em nosso texto "A fuga do Egito", disponível em nosso site www.paulosnetos.net, o qual sugerimos a você, caro leitor, a sua leitura.

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* explicam essa narrativa como sendo uma tentativa de ser fazer "um paralelo anterior na infância de Moisés, descrita pelas tradições rabínicas: segundo estas, quando o nascimento da criança foi anunciado, por meio de visões, ou por intermédio dos mágicos, o Faraó mandou chacinar as crianças recém-nascidas" (Bíblia de Jerusalém, p. 1705-1706).

Vejamos esse episódio em Flávio Josefo (37-103 d.C.), o historiador hebreu:

[...] **Um dos doutores da sua lei**, ao qual eles dão o nome de escribas das coisas santas e que passam entre eles por grandes profetas, **disse ao rei que**

naquele mesmo tempo deveria nascer um menino entre os hebreus, cuja virtude seria admirada por todo o mundo, pois aumentaria a glória de sua nação e humilharia o Egito, e cuja reputação seria imortal. **O rei, assustado com a predição e seguindo o conselho daquele que lhe fazia essa advertência, publicou um edito pelo qual ordenava que se deveriam afogar todas as crianças hebreias do sexo masculino** e ordenou às parteiras do Egito que observassem exatamente quando as mulheres fossem dar à luz, porque não confiava nas parteiras de sua nação. Esse edito ordenava também que aqueles que se atrevessem a salvar ou criar alguma dessas crianças seriam castigados com a pena de morte, juntamente com toda a família. (JOSEFO, 2003, p. 79, grifo nosso).

O paralelo entre os dois personagens – Moisés e Jesus – é evidente: ambos representavam problemas políticos no futuro, com a possibilidade de virem a querer ocupar os cargos dos mandatários.

Em relação à morte das crianças, Keller explica o seguinte:

Assim, **hoje em dia usa-se de um cuidado bem maior do que outrora na apreciação da historicidade do infanticídio de Belém** e, antes, tende-se a considerar o relato em questão como uma tentativa, condicionada à mentalidade contemporânea que visa realçar a importância de Jesus, pelos meios usados na época (para tanto, existe ainda uma certa autenticidade histórica, representada pelas atitudes efetivamente tomadas por Herodes em sua contenda com os fariseus, por causa do Messias. Veja o fim do capítulo precedente). No entanto, há ainda mais. **O relato do infanticídio de Belém estabeleceu um nexó entre Jesus e Moisés**, pois também desse último a Bíblia conta como escapou, milagrosamente, de perseguições idênticas, sofridas por parte do faraó egípcio (Êxodo 1.15, 2.10). (KELLER, 2000, p. 366, grifo nosso).

Corroborando o que foi dito acima, transcrevemos, respectivamente, de Roberto Carneiro Puccinelli Junior (1960-), escritor, espiritualista e mestre em ciências e Bart D. Ehrman (1955-), é Ph.D. em Teologia pela *Princeton University*, que dirige o Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*, Chapel Hill. É especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e da vida de Jesus, é a maior autoridade em Bíblia do mundo:

Outro exemplo é a matança de meninos de até dois anos, que teria sido ordenada por Herodes “em Belém e todo seu território” (Mt2:16). **Mateus faz uso aqui de tradições rabínicas sobre a vinda de Moisés, segundo as quais tão logo o nascimento da criança foi anunciado por meio de visões e anúncios dos magos, o faraó teria mandado chacinar crianças recém-nascidas do sexo masculino** (*). Também se observa um paralelo com o livro do Êxodo, quando o rei do Egito manda as parteiras assistentes do povo hebreu assassinar todo recém-nascido menino e poupar a vida das meninas. Conforme explica Roselis von Sass em “*O Livro do Juízo Final*”, Jesus nasceu em 12 a.C., data confirmada também pelo Dr. Jerry Vardaman, diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade do Mississippi e professor de religião. **Nessa época, Herodes não estava preocupado com o nascimento de nenhum Messias**, mas sim com dois de seus filhos que, segundo imaginava, tramavam a sua morte. Nesse ano ele foi com os filhos até Roma para que o imperador Augusto decidisse a questão, o qual não viu indícios de nenhuma rebelião e reconciliou pai e filhos. Ainda nesse ano de 12 a.C., Herodes presidiu a edição dos Jogos Olímpicos e até deu dinheiro do próprio bolso para garantir o sucesso do empreendimento. De preocupações com o Messias nascido, nem sinal.

(*) O faraó de fato tencionava matar os hebreus recém-nascidos do sexo masculino, mas não para se ver livre de uma criança chamada Moisés, e sim porque achava que o povo escravizado estava se tornando muito numeroso, o que poderia ser perigoso para o país. Ao leitor que desejar conhecer detalhes dessa história indicam-se as obras Aspectos do

Antigo Egito ou Moisés, ambas publicadas pela Editora Ordem do Graal na Terra.

(PUCCINELLI JUNIOR, 2006, p. 192-193, grifo nosso).

Quanto ao registro histórico, também devo chamar a atenção para o fato de que **não há nenhum relato, em qualquer fonte antiga, sobre o rei Herodes massacrar crianças em Belém, ou em seus arredores, ou em qualquer outro lugar. Nenhum outro autor, bíblico ou não, menciona isso.** [...] (EHRMAN, 2010, p. 46, grifo nosso).

Para nós, fica nítido que a fuga da família de Jesus para o Egito foi utilizada também para tentar aplicar o que se supõe ser uma profecia de Oseias. Ao analisarmos a citada passagem desse profeta (Os 11,1) vemos que ela nem mesmo é uma profecia, pois, na verdade, trata-se de um fato já acontecido. Deve-se observar que o verbo "chamar" está no pretérito, o que indica fato do passado e não um evento a acontecer no futuro. Ademais, expressão "meu filho", usada no passo, tem como referência o povo de Israel e não alguém em particular.

Por outro lado, a matança das crianças é, por certo, uma tentativa de justificar uma suposta profecia de Jeremias (31,15). Porém, como já aconteceu anteriormente, essa passagem também não é uma profecia, uma vez que se refere à tomada de Jerusalém por Nabucodonosor, rei da Babilônia, que subjuga o povo e o leva cativo para seu país, daí "o pranto de Raquel (sepultada em Ramá, perto de Belém) pelos filhos massacrados ou deportados pelos caldeus depois da destruição de Jerusalém em 596 a.C.,..." (Bíblia Sagrada, Edições Paulinas, p. 1062).

A suposta ida da família de Jesus para Nazaré é, da mesma forma, algo que foi forjado para se relacionar ao cumprimento de mais uma profecia que teria sido dita por vários profetas. Entretanto, a bem da verdade, não há nenhuma profecia em que um só profeta tenha dito: "*Será chamado Nazareno*"; portanto, é pura invenção de Mateus ou de alguém que, por algum motivo, colocou isso lá.

Considerações de Geza Vermes (1924-), professor da Universidade de Oxford, é considerado um dos maiores especialistas acadêmicos sobre Manuscritos do Mar Morto e história do cristianismo, ao versículo "[Ele] *será chamado Nazareno*" (Mt 2,23):

Enquanto a descendência davídica de Jesus é um tema recorrente bem estabelecido nos Evangelhos, especialmente nos Sinóticos, sua proveniência da Judeia parece ser mais de uma vez ignorada ou contestada. As pessoas o viam não como sulista, mas como nascido e criado na Galileia. **Ele era chamado de Jesus, o Nazareno, isto é, originário de Nazaré, ou, por extenso, o profeta Jesus de Nazaré da Galileia (Mt 21,11).** Nazaré e a região do lago da Galileia era sua *patris*, o que pode significar igualmente seu lugar de nascimento, sua cidade e sua pátria (Mc 6,4; Mt 13,57; Lc 4,24, Jn 1,46). **Obviamente, alguns judeus locais se recusaram a aceitá-lo como o Messias justamente porque sabiam que ele era da Galileia e não "de Belém, a cidade onde vivia Davi" (Jo 7,41-42).** Ademais, eles expressavam o preconceito sem dúvida originário da Judeia, segundo o qual nenhum grande profeta provinha da Galileia (Jo 7,52). Devemos reconhecer, portanto, que estamos em um impasse: o nascimento em Belém é asseverado com certeza teológica, mas é questionado no que parece ser conhecimento factual. (VERMES, 2007, p. 97, grifo nosso).

Apresentamos também as considerações de alguns tradutores:

O adjetivo provém, sem dúvida, do nome de Nazaré. Serviu para designar os cristãos (At 24,5). (Bíblia Sagrada Ave-Maria, p. 1286, grifo nosso).

A palavra "Nazareno" pode ter um duplo sentido: habitante de Nazaré e "Nazir", isto é, consagrado a Deus por um voto (Cf. Lv 21,12; Jz 23,57). Talvez Mt quisesse literariamente visar os dois sentidos: Jesus é de Nazaré e é consagrado especialmente ao Senhor. (Bíblia Sagrada Santuário, p.

1437, grifo nosso).

“Nazareu” (*nazôraios* forma usada por Mt, Jo e At) e o seu sinônimo “nazareno” (*nazarênos*, forma usada por Mc; Lc tem as duas formas) **são duas transcrições correntes do mesmo adjetivo aramaico (*nasraya*), derivado do nome da cidade de Nazaré (*Nasrath*). Aplicado primeiro a Jesus – indicando sua origem (26,69.71) – e depois a seus sequazes (At 24,5), esse termo ficou como designativo dos discípulos de Jesus no mundo semítico, enquanto no mundo greco-romano prevaleceu o nome de “cristão” (At 11,26). [...] (Bíblia de Jerusalém, p. 1706, grifo nosso).**

Ao que nos parece, o consenso é que o adjetivo “Nazareno”, aplicado a Jesus, está mais para designar a sua origem do que qualquer outra coisa, inclusive, o próprio autor de Mateus coloca Jesus indo habitar Nazaré para relacioná-lo a esse adjetivo, embora, a rigor, é mais lógico aplicá-lo a quem nasceu em Nazaré; porém, é certo que a principal preocupação desse autor era relacionar Jesus a uma suposta profecia do que ser lógico e coerente em seus relatos. Voltaremos a esse assunto mais ao final desse estudo.

Existem outras passagens em Mateus nas quais cita-se uma cidade ou região relacionada a Jesus:

Mt 3,13: “Jesus foi da **Galileia** para o rio Jordão, a fim de se encontrar com João, e ser batizado por ele”.

Mt 4,12-13; “Ao saber que João tinha sido preso, Jesus voltou para a **Galileia. Deixou Nazaré**, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galileia, nos confins de Zabulon e Neftali”.

Mt 13,53-54: “Quando Jesus terminou de contar essas parábolas, saiu desse lugar, e voltou para a **sua terra**. Ensinava as pessoas na sinagoga, de modo que ficavam admiradas. Diziam: ‘De onde vêm essa sabedoria e esses milagres?’”

Mt 19,1: “Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, ele **partiu da Galileia**, e foi para o território da Judeia, no outro lado do rio Jordão”.

Mt 21,10-11: “Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada, e perguntavam: ‘Quem é ele?’ E as multidões respondiam: ‘É o profeta **Jesus, de Nazaré da Galileia**’”.

A citação inicial de Galileia (3,13), provavelmente trata-se de Nazaré. Jesus muda-se para Cafarnaum, ainda na Galileia (4,12-13), depois volta à “sua terra” (13,53-54), certamente, Nazaré, conforme é afirmado em: Novo Testamento Loyola, Bíblia de Jerusalém e Bíblia Santuário. E, finalmente, ele se transfere para a Judeia (19,1), chegando à Jerusalém (21,10-11). O interessante é que nessa cidade “que mata os profetas” ele foi reconhecido como Jesus de Nazaré, bem estranho se tivesse nascido em Belém, que é na Judeia, e que se localiza a cerca de 10 km ao sul de Jerusalém, que dizer, na própria região, onde dizem ter nascido, eles o conhecem como sendo de Nazaré.

Mt 20,29-30: “Quando saía de Jericó, uma numerosa multidão o seguiu. Então **dois cegos**, sentados à beira da estrada, percebendo que **Jesus passava** gritaram: ‘Senhor, tem piedade de nós, ó Filho de Davi!’”.

Mc 10,46-47: “Jesus e os discípulos chegaram a Jericó. Quando ele já saía de lá com os seus discípulos, e acompanhados de uma numerosa multidão, **o cego Bartimeu**, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho pedindo esmola. **Tendo sabido que se tratava de Jesus de Nazaré**, ele começou a gritar: ‘Filho de Davi, Jesus, tem piedade de mim!’”.

Lc 18,35-38: “Quando Jesus se aproximava de Jericó, **um cego** estava sentado à beira do caminho, mendigando. Ouvindo o barulho da multidão que passava, perguntou o que havia. Anunciaram-lhe: **É Jesus, o Nazareno que está passando**. Então, ele

começou a gritar: 'Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!'".

Relacionando-se os passos de Marcos e Lucas, podemos, mais uma vez, concluir que Nazareno quer significar nascido em Nazaré.

É curioso como o "Espírito Santo" inspira os autores bíblicos de forma divergente, em Mateus é afirmado que são dois cegos, em Lucas e Marcos temos um só, inclusive, neste último autor é citado até o nome dele. E aí temos sérios problemas, caso S. Jerônimo esteja certo quando disse: "A Verdade não pode existir em coisas que divergem".

Vejamos, agora, as referências do Evangelho de Marcos:

Mc 1,9: "*Nesses dias, Jesus **chegou de Nazaré da Galileia**, e foi batizado por João no rio Jordão*".

Mc 1,14: "*Depois que João Batista foi preso, Jesus voltou para a **Galileia**, pregando a Boa Notícia de Deus*".

Marcos tem que Jesus residia em "sua terra" Nazaré, portanto, não é fora de propósito presumir-se que, por não falar nada dele ter nascido em algum outro lugar, que essa cidade é o local onde ele nasceu. Fato que se pode confirmar levando-se em conta a própria fala de Jesus:

Mc 6,1-6: "*Jesus **foi para Nazaré, sua terra**, e seus discípulos o acompanharam. Quando chegou o sábado, Jesus começou a ensinar na sinagoga. Muitos que o escutavam ficavam admirados e diziam: 'De onde vem tudo isso? Onde foi que arranjou tanta sabedoria? E esses milagres que são realizados pelas mãos dele? Esse homem não é o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? E suas irmãs não moram aqui conosco?' E ficaram escandalizados por causa de Jesus. Então Jesus dizia para eles que **um profeta só não é estimado em sua própria pátria**, entre seus parentes e em sua família. E Jesus não pôde fazer milagres em Nazaré. Apenas curou alguns doentes, pondo as mãos sobre eles. E Jesus ficou admirado com a falta de fé deles*".

Numa outra versão, o trecho destacado do versículo 4 tem o seguinte teor: "Um profeta só é estimado fora da sua terra natal" (Loyola), ou seja, aqui temos o próprio Jesus afirmando ser Nazaré o seu local de nascimento, que também é o sentido de "sua própria pátria" na versão acima.

Ernest Renan (1823-1892), escritor, filósofo e historiador, que, na obra *Vida de Jesus*, em analisando a infância e a juventude de Jesus, objetivamente disse:

Jesus nasceu em Nazaré (1), pequena cidade da Galileia, que antes desse importante acontecimento não teve nenhuma celebridade (2). Durante toda a sua vida foi conhecido pelo nome de "Nazareno" (3), e só após entrarmos por um atalho bem complicado (4) é que seremos capazes de entender o porquê da **lenda que diz ter ele nascido em Belém**. Veremos adiante (5) o motivo dessa suposição e como ela era a consequência obrigatória do papel messiânico atribuído a Jesus (6). Ignora-se a data precisa de seu nascimento. Ele ocorreu sob o reino de Augusto, provavelmente por volta do ano 750 de Roma (7), ou seja, alguns anos antes do ano 1 da era que todos os povos civilizados datam como o dia oficial de seu nascimento (8).

(1) Mat., XIII, 54 e seg.; Marcos, VI, 1 e seg.; João, I, 45-46.

(2) Ela não é mencionada nem nos escritos do Velho Testamento, nem em Josefo, nem no Talmude. Mas é nomeada na liturgia de Kalir, para o 9 de ab.

(3) Mat., XXVI, 71; Marcos, I, 24; XIV, 67; Lucas, XVIII, 37; XXIV, 19; João, XIX, 19; Atos, II, 22; III, 6; X, 38. Comp. João, VII, 41-42; Atos, II, 22, III, 6; IV, 10; VI, 14; XXII, 8; XXVI, 9. Daí o nome de *nazarenos* (Atos, XXIV, 5), aplicado durante muito tempo aos cristãos pelos judeus, e que os designa ainda em todos os países muçulmanos.

(4) **Essa circunstância foi inventada para responder a Miqueias**, V, 1. O recenseamento efetuado por Quirino, ao qual a lenda relaciona a viagem a Belém, data de

pelo menos dez anos além do ano em que, segundo Lucas, Jesus teria nascido. Os dois evangelistas, de fato, situam o nascimento de Jesus sob o reino de Herodes (Mat., II, 1, 19, 22; Lucas, I, 5). Logo, o recenseamento de Quirino só aconteceu após a deposição de Arquelau, quer dizer, dez anos após a morte de Herodes, no ano 37 da era de Acio (Josefo, *Ant.*, XVII, XIII, 5; XVIII, 5, 1; II, 1). A inscrição pela qual se tentava outrora estabelecer que Quirino fez dois recenseamentos é reconhecida como falsa (V. Orelli, *Insc. Lat.*, nº 623, e o suplemento de Henzen nesse número; Borghesi, *Fastos Consulares* [ainda inéditos], no ano de 742). Quirino pode ter sido núncio por duas vezes na Síria, mas só houve recenseamento na segunda nunciatura (Mommsen, *Res gestae divi Augusti*, Berlim, 1865, p. 111 e seg.). O recenseamento, em todo caso, teria sido aplicado às partes reduzidas à província romana, e não aos reinados e tetrarquias, mormente enquanto vivesse Herodes, o Grande. Os textos pelos quais se tenta provar que algumas das operações de estatística e de cadastro determinadas por Augusto devem ter se estendido ao domínio de Herodes ou não têm a importância que se lhes quer dar ou são de autores cristãos, que tomaram este dado emprestado do Evangelho de Lucas. O que bem prova, aliás, que a viagem da família de Jesus a Belém não tem nada de histórico, que é o motivo a ela atribuído. Jesus não era da família de Davi (ver cap. 15) e, mesmo que fosse, não se conceberia, ademais, que seus pais tivessem sido forçados, por uma operação puramente cadastral e financeira, a ir se inscrever no local de onde seus ancestrais haviam saído mil anos antes. Impondo tal obrigação, a autoridade romana teria angariado para si pretensões carregadas de ameaças.

(5) Cap. 14.

(6) Mat., II, 1 e seg.; Luc., II, 1 e seg. A omissão desse relato em Marcos e as duas passagens paralelas, Mat., XIII, 54 e Marcos, VI, 1, nas quais Nazaré aparece como "a terra" de Jesus, provam a ausência de tal lenda no texto primitivo que forneceu o esboço narrativo dos Evangelhos atuais de Mateus e Marcos. É diante dessas objeções frequentemente repetidas que se terão acrescentado, quanto ao Evangelho de Mateus, reservas cuja contradição com o resto do texto não era tão flagrante a ponto de obrigar a correção dos locais que haviam sido descritos sob um ponto de vista muito diferente. Lucas, ao contrário (IV, 16), escrevendo refletidamente, empregou, para ser consequente, uma expressão mais amenizada. Quanto ao quarto evangelista, ele nada sabe da viagem a Belém; para ele, Jesus é simplesmente "de Nazaré", ou "galileu", em duas circunstâncias em que seria da maior importância lembrar seu nascimento em Belém (I, 45-46; VII, 41-42).

(7) Mateus, II, 1, 19,22; Lucas, I, 5. Herodes morreu na primeira metade do ano 750, correspondente ao ano 4 a.C.

(8) Sabe-se que o cálculo q e serve de base à era vulgar foi feito no século VI por Dionísio, o Pequeno. Esse cálculo envolve certos dados puramente hipotéticos.

(RENAN, 2004, p. 99-100, grifo nosso).

Mais claro não precisa: Jesus nasceu em Nazaré é pura lenda colocá-lo nascendo em Belém.

Mc 1,23-24: "*Nesse momento, estava na sinagoga um homem possuído por um espírito mau, que começou a gritar: 'Que queres de nós, **Jesus Nazareno**? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus!'*".

Até mesmo um espírito mau reconhece Jesus como natural de Nazaré, eis o motivo dele o ter chamado de Nazareno. Nas versões: Novo Testamento Loyola, A Bíblia Tradução Ecumênica, Bíblia Sagrada Santuário, Bíblia Sagrada Ave-Maria e Bíblia do Peregrino, lemos "Jesus de Nazaré", disso deduzimos que seus tradutores entendem o adjetivo Nazareno é aplicado a quem é natural de Nazaré.

Apenas para curiosidade: se o homem estava possuído por "**Um**" espírito mau, qual a razão da pergunta "que queres de **nós**", uma vez que aqui se denota ser mais de um? E não venham com o tal do plural majestático como explicação! Lucas também narra esse episódio (Lc 4,33-34).

Mc 1,21: "*Foram à cidade de **Cafarnaum** e, no sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar*".

Mc 2,1: "*Alguns dias depois, Jesus entrou de **novo na cidade de Cafarnaum**. Logo se espalhou a notícia de que Jesus **estava em casa***".

Mc 3,20: "***Jesus foi para casa**, e de novo se reuniu tanta gente que eles não podiam*

comer nem sequer um pedaço de pão”.

Mc 9,33: “Quando chegaram à cidade de **Cafarnaum e estavam em casa**, Jesus perguntou aos discípulos: ‘Sobre o que vocês estavam discutindo no caminho?’”.

Sem dar nenhuma notícia de que Jesus tenha se mudado, Marcos já tem Jesus como residindo em Cafarnaum.

Mc 16,5-6: “Então entraram no túmulo e viram um jovem, sentado do lado direito, vestido de branco. E ficaram muito assustadas. Mas o jovem lhes disse: ‘Não fiquem assustadas. Vocês estão procurando **Jesus de Nazaré**, que foi crucificado? Ele ressuscitou! Não está aqui! Vejam o lugar onde o puseram”.

O jovem vestido de branco diz à Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé que Jesus não estava mais lá no túmulo, pois havia ressuscitado. Este jovem, na visão de Mateus era um anjo, que desceu do céu (Mt 28,2-3), dessa forma, temos que o plano espiritual confirma que Jesus é de Nazaré e não de Belém.

Seguindo com a nossa análise, vejamos o Evangelho de Lucas:

Lc 1,26-27: “No sexto mês, **o anjo Gabriel foi enviado** por Deus a uma cidade da Galileia chamada **Nazaré**. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria”.

Lc 2,39-40: “Quando acabaram de cumprir todas as coisas, conforme a Lei do Senhor, **voltaram para Nazaré**, sua cidade, que ficava na Galileia. O menino crescia e ficava forte, cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava com ele”.

Lc 2,51: “Jesus desceu então com seus pais para **Nazaré**, e permaneceu obediente a eles. E sua mãe conservava no coração todas essas coisas”.

Em todos esses passos é fato incontestável que a família de Jesus morava em Nazaré, inclusive, o anjo enviado para avisar Maria sobre os futuros acontecimentos foi a Nazaré, cidade onde ela morava. O ponto que se há de resolver é que, conforme as supostas profecias o Messias nasceria em Belém, assim Lucas apresenta como justificativa um fictício recenseamento a mando de César Augusto, conforme se vê no passo a seguir.

Lc 2,1-7: “Naqueles dias, **o imperador Augusto publicou um decreto, ordenando o recenseamento** em todo o império. Esse primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade natal. José era da família e descendência de Davi. **Subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, até à cidade de Davi, chamada Belém, na Judeia**, para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. **Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, e Maria deu à luz o seu filho primogênito**. Ela o enfaixou, e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa”.

Vermes tem a seguinte opinião sobre o mencionado recenseamento:

Não há registro de nenhum censo imperial na época de Augusto. Houve um recenseamento fiscal na Judeia em 6/7 d.C. sob Quirino, governador da Síria, após a deposição de Herodes Arquelau e a transformação de sua etnarquia na província romana da Judeia. Porém, **nenhum censo romano teria sido imposto a um rei dependente como Herodes, e tampouco Quirino foi governador da Síria durante a vida de Herodes**. Finalmente, **mesmo que tenha havido um censo na época do nascimento de Jesus, José não teria sido obrigado, sob as leis romanas, a viajar para a terra ancestral de sua tribo, e tampouco Maria teria sido obrigada a acompanhá-lo**. Lucas parece ter combinado o censo que de fato houve sob Quirino, cerca de doze anos após o nascimento de Jesus, com o seu roteiro teológico. (VERMES, 2006, p. 255, grifo nosso).

Além disso, acreditamos que jornalista A. N. Wilson (1950-), escritor, biógrafo e romancista, tem razão quando diz:

[...] **Nenhum historiador antigo, por exemplo, faz a menor alusão a esse recenseamento universal ordenado pelo imperador Augusto.** Josefo, em seu *Antiguidades*, menciona um recenseamento ocorrido na Judeia no ano 6 da EC e diz que tinha por finalidade contar cabeças antes do lançamento de uma capitação. A impopularidade desse imposto, e do recenseamento, provocou a insurreição chefiada por Judas de Gamala (mencionada pelo próprio Lucas nos Atos dos Apóstolos). (3). A finalidade desse recenseamento era puramente estatística. **Não há razão para supor que qualquer uma das pessoas que foram contadas tenha recebido ordem de voltar à aldeia onde algum putativo antepassado teria residido mais de mil anos antes.**

3. Atos, 5:37. *Vide supra*, 26.

(WILSON, 2007, p. 100, grifo nosso).

E dele ainda temos:

[...] O Evangelho, segundo Lucas, fixa-a especificamente numa época em que César Augusto exigiu que todos os indivíduos no Império Romano fossem submetidos a um recenseamento. Isso aconteceu no tempo em que Quirino era governador da Síria(1). Herodes, na época, era rei da Judeia(2). Esse fato aparentemente estabeleceria com grande precisão o nascimento de Jesus, até descobrirmos **que Herodes faleceu quatro anos antes da era cristã e que Quirino não foi governador da Síria durante o reinado de Herodes.** Nenhum historiador do Império Romano faz a menor referência a um recenseamento universal durante o reinado do imperador Augusto, embora Flávio Josefo nos informe, no seu *Antiguidades judaicas*, que, de fato, houve um recenseamento na Judeia no ano 6 da era cristã.

1. Lucas, 2:2

2. Mateus, 2:1.

(WILSON, 2007, p. 10-11, grifo nosso).

Por outro lado, é difícil acreditar que José se lembrasse de seus antepassados que viveram até mil anos antes dele, ainda mais se levando em conta que, àquela época, provavelmente, não existiam registros nos quais pudesse apoiar-se para saber de sua árvore genealógica ancestral, que retroagia até o rei Davi. É o que nos afirma Bart D. Ehrman (1955-):

Os problemas históricos em Lucas são ainda maiores. Para começar, nós **temos registros relativamente confiáveis do reinado de César Augusto, e em nenhum deles há qualquer referência a um censo do império inteiro, para o qual todos teriam de se registrar retornando ao lar de seus ancestrais.** E como isso poderia ter sido imaginado? José retorna a Belém porque seu ancestral Davi tinha nascido lá. Mas Davi viveu mil anos antes de José. **Devemos imaginar que no império romano todos deveriam retornar ao lar de seus ancestrais de mil anos antes?** Se fizessemos um censo mundial hoje e cada um de nós tivesse de retornar à cidade de nossos ancestrais de mil anos antes, para onde você iria? Você consegue imaginar a absoluta perturbação da vida humana que esse tipo de êxodo universal exigiria? E consegue imaginar um projeto desse porte não ser mencionado em nenhum jornal? Não há nenhuma referência a um censo assim em qualquer fonte antiga, a não ser em Lucas. Então por que ele diz que esse censo aconteceu? A resposta pode parecer óbvia. **Ele queria que Jesus nascesse em Belém, embora soubesse que era de Nazaré. Mateus também, mas ele fez com que Jesus nascesse lá de modo diferente.** (EHRMAN, 2010, p. 46, grifo nosso).

São grandes, portanto, os problemas com os quais nos defrontamos, caso façamos opção de seguir as narrativas bíblicas preterindo os registros históricos.

Apenas para deixar registrada outra curiosidade a respeito de Jesus, vejamos o seguinte passo:

Lc 2,41-47: *"Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, para a festa da Páscoa. Quando o menino completou **doze anos**, subiram para a festa, como de costume. Passados os dias da Páscoa, voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Pensando que o menino estivesse na caravana, caminharam um dia inteiro. Depois começaram a procurá-lo entre parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à procura dele. Três dias depois, **encontraram o menino no Templo. Estava sentado no meio dos doutores, escutando e fazendo perguntas. Todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas**".*

Então, todos nós acreditamos piamente nessa história, entretanto, o estudioso Geza Vermes trata essa história sobre os conhecimentos extraordinários de Jesus de doze anos junto aos doutores da lei como uma lenda (VERMES, 2006, p. 185).

Lc 3,23: *"Ao iniciar o ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos e era, **conforme se supunha**, filho de José, filho de Eli"*.

Não vamos nem entrar no mérito de que em Mateus o pai de José é Jacó, e não Eli como aqui em Lucas, porquanto tem algo mais interessante para vermos. Observe, caro leitor, que Lucas não quis colocar a mão no fogo sobre quem era verdadeiramente o pai de Jesus, pois dizer que *"conforme se supunha"*, não é a mesma coisa que afirmar que é. Porém, aqui caímos num outro problema, pois se não for filho carnal de José, e, no caso, pensa-se que é filho do Espírito Santo, via de consequência, Jesus também não era descendente de Davi, fato que, obviamente, não fazia dele o Messias esperado.

Lc 4, 14-16: *"Jesus voltou para a **Galileia**, com a força do Espírito, e sua fama espalhou-se por toda a redondeza. Ele ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam. **Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado**. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura"*.

Ao que tudo indica, aqui já temos Jesus residindo em outra cidade; é bem provável que seja Cafarnaum, como dito por Mateus e Marcos.

Um fato que achamos interessante aqui é que Jesus *"levantou-se para fazer a leitura"*, porquanto, João afirma que ele *"nunca estudou"* (Jo 7,15), embora, contraditoriamente, no episódio da mulher adúltera (Jo 8,1-11), o próprio João tenha colocado Jesus escrevendo no chão (v. 6 e 8).

Lc 23,5-6: *"Eles, porém, insistiam: 'Ele está provocando revolta entre o povo, com seu ensinamento. Começou na Galileia, passou por toda a Judeia, e agora chegou aqui'. Quando ouviu isso, Pilatos perguntou se **Jesus era galileu**".*

Galileu, obviamente, por ter nascido na Galileia, região onde se localizava Nazaré, portanto, mais uma afirmativa de que Jesus não era mesmo de Belém, que fica na Judeia. E a respeito do costume de se colocar a denominação da cidade de nascimento junto ao nome da pessoa, vejamos:

Lc 23,50-51: *"Havia um homem bom e justo, **chamado José**. Era membro do Conselho, mas não tinha aprovado a decisão, nem a ação dos outros membros. **Ele era de Arimateia, cidade da Judeia**, e esperava a vinda do reino de Deus"*.

Mc 15,42-43: *"Ao entardecer, como era o dia da Preparação, isto é, a véspera do*

sábado, chegou **José de Arimateia**. Ele era membro importante do Sinédrio, e também esperava o Reino de Deus. José encheu-se de coragem, foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus”.

Jo 19,38: “**José de Arimateia** era discípulo de Jesus, mas às escondidas, porque ele tinha medo das autoridades dos judeus. Depois disso, ele foi pedir a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos deu a autorização. Então ele foi e retirou o corpo de Jesus”.

Nesses passos temos a prova desse costume na época, é por este motivo que se Jesus tivesse nascido em Belém, seria chamado de “**Jesus de Belém**”; porém, como o chamavam de Jesus de Nazaré, é forçoso, por lógica, ter que aceitar que ele era natural de Nazaré.

Juan Arias (1932-), padre escritor e jornalista, corrobora o que acabamos de falar:

[...] E hoje tudo leva a crer que **Jesus não nasceu em Belém**, como afirmam os evangelhos de Mateus e Lucas (Marcos e João nem menciona seu nascimento), mas em Nazaré.

Segundo alguns biblicistas modernos, como Antonio Piñero, a notícia de que Jesus nasceu em Belém deve-se à intenção de fazer coincidir o nascimento do Messias com a profecia de Miqueias, tal como aparece na Bíblia, que diz o seguinte: “E tu, Belém Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá! Mas de ti há de sair aquele que há de reinar em Israel”, justamente um texto citado por Mateus quando narra o episódio do nascimento.

É a partir daí que Mateus e Lucas constroem o relato do nascimento em Belém. Mas de maneira bem diferente. Mateus fala da ira de Herodes que ordena a matança dos inocentes, o que Lucas ignora. Lucas, ao contrário, fala de um recenseamento decretado por César Augusto, que seria o motivo de os pais de Jesus se mudarem para Belém, fato que Mateus ignora. E, de fato, parece que não há provas históricas da existência desse censo naquela época e naquele lugar. Crossan diz isso com todas as letras: “Nunca houve um censo geral no tempo de Augusto”. Além do mais, o censo tinha uma finalidade fiscal, e cadastrar alguém longe do seu local de trabalho teria significado um verdadeiro pesadelo para a burocracia.

O mais provável é que Jesus tenha nascido em Nazaré. De fato, nos evangelhos ele nunca é chamado de “Jesus de Belém” e sim de “Jesus de Nazaré”, que era como se costumava chamar as pessoas, ou seja, pelo lugar de nascimento ou pelo nome do pai. Neste caso, ele teria sido “Jesus de José”, mas nunca foi chamado assim, provavelmente porque, como se sabe, os evangelistas não davam importância a São José, que é apresentado acima de tudo como um velho, devido à importância atribuída à virgindade de Maria antes e depois do parto. Curiosamente, o pai de Jesus é o grande desconhecido nos evangelhos e em toda a tradição cristã. Talvez por isso existam tantas lendas extraoficiais sobre sua pessoa. (ARIAS, 2001, p. 50-51, grifo nosso).

Devia-se prestar mais atenção no que se tem descoberto a respeito dos costumes do povo hebreu, porquanto, são, muitas vezes, peças importantes para a interpretação de um texto.

Lc 24,19: “Jesus perguntou: ‘O que foi?’ Os discípulos responderam: ‘O que aconteceu a Jesus, **o Nazareno**, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo”.

Nazareno, certamente, quer dizer natural de Nazaré, porquanto nas Bíblias Shedd, Ave-Maria, Vozes e Santuário em vez de “Jesus, o Nazareno”, as traduções constam “Jesus de Nazaré”. Além disso, fecha-se com o consenso anteriormente falado ao analisamos Mt 2,23.

Lc 4,31: “Jesus **foi a Cafarnaum**, cidade da Galileia, e aí ensinava aos sábados”.

Lc 7,1: “Depois que terminou de falar todas essas palavras ao povo que o escutava,

*Jesus **entrou na cidade de Cafarnaum***”.

Jo 2,11-12: “Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele. Depois disso, Jesus **desceu para Cafarnaum** com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. E aí ficaram apenas alguns dias”.

Lucas e João mostram que Jesus pregava em Cafarnaum, não que residia lá, como Mateus (4,13) e Marcos (2,1; 3,20; 9,33) dizem, apesar deste último não informar que Jesus tenha mudado para essa cidade.

Jo 1,43-46: “No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a **Galileia**. Encontrou Filipe e disse: ‘Siga-me’. Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro. Filipe se encontrou com Natanael e disse: ‘Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e também os profetas: **é Jesus de Nazaré, o filho de José**’. Natanael disse: ‘**De Nazaré pode sair coisa boa?**’ Filipe respondeu: ‘Venha, e você verá’”.

Jo 4, 1-3: “Os fariseus ficaram sabendo que Jesus atraía discípulos e batizava mais do que João. (Na verdade, não era Jesus que batizava, mas os seus discípulos). Ao saber disso, Jesus deixou a Judeia e **foi de novo para a Galileia**”.

Jo 4,43-45; “Dois dias depois, Jesus foi para a **Galileia**. Mas o próprio Jesus tinha declarado: ‘**Um profeta nunca é bem recebido em sua própria terra**’. Entretanto, quando ele chegou à Galileia, os galileus o receberam bem, porque tinham visto tudo o que Jesus havia feito em Jerusalém durante a festa. Pois eles também tinham ido à festa”.

Jo 4,46-47: “[...] Ora, em Cafarnaum havia um funcionário do rei que tinha um filho doente. Ele ouviu dizer que **Jesus tinha ido da Judeia para a Galileia**. Saiu ao encontro de Jesus e lhe pediu que fosse a Cafarnaum curar seu filho que estava morrendo”.

Certamente, que as várias citações da região da Galileia se refere à cidade de Nazaré, até mesmo porque Jesus se referindo a si mesmo disse “Um profeta nunca é bem recebido em sua própria terra” (Jo 4,44). E, aqui também, temos, mais uma vez, Jesus sendo reconhecido como de Nazaré e não de Belém (Jo 1,45), como se supõe, baseando-se em Mateus e Lucas.

Jo 2,1-2: “No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da **Galileia**, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos”.

Segundo conseguimos apurar “Caná da Galileia fica localizada a cerca de treze quilômetros ao norte de Nazaré” (CHAMPLIN e BENTES, vol. 1, 1995a, p. 622), portanto, na região onde Jesus morava, e, conforme estamos vendo, ele nasceu, razão pela qual foi um dos convidados para a festa de casamento (Jo 2,1-12). Foi nessa cidade que Jesus de Nazaré iniciou o seu ministério (ver Jo 2,11).

Jo 7,25-27: “Algumas pessoas de Jerusalém comentavam: ‘Não é este que estão procurando para matar? Ele está aí falando em público, e ninguém diz nada! Será que até as autoridades reconheceram que ele é o Messias? Entretanto, nós sabemos de onde vem esse Jesus, mas, **quando chegar o Messias, ninguém saberá de onde ele vem**’”.

Que interessante, aqui temos algo nitidamente contraditório, pois se diziam que o Messias viria de Belém (Jo 7,42), como aqui se afirma que “ninguém saberá de onde ele vem”?

Jo 7,40-42: “Ouvindo essas palavras, alguns diziam no meio da multidão: ‘De fato, este homem é mesmo o Profeta!’ Outros diziam: ‘Ele é o Messias’. Outros ainda afirmavam: ‘**Mas o Messias virá da Galileia? A Escritura não diz que o Messias será da**

descendência de Davi e **que virá de Belém**, povoado de onde era Davi?"

Jo 7,50-52: "Mas Nicodemos, um dos fariseus, aquele que tinha ido encontrar-se com Jesus, disse: 'Será que a nossa Lei julga alguém antes de ouvir e saber o que ele faz?' Eles responderam: 'Você também é galileu? **Estude e verá que da Galileia não sai profeta**'".

Em ambas as passagens se confirma que Jesus é da Galileia, região onde está localizada a cidade de Nazaré. Na primeira é até mesmo afirmado, ainda que de forma indireta, que Jesus não é de Belém, fato que outros autores perceberam, como, por exemplo, A. N. Wilson:

[...] Podemos observar, no entanto, que o **Quarto Evangelho (de São João) afirma com toda clareza que Jesus não nasceu em Belém e que não fazia parte da linhagem de Davi.** (2). Nesse Evangelho, as multidões não acreditavam na possibilidade de que ele seja o Messias porque veio da Galileia, e não de Belém. [...]

2. João, 7:42.

(WILSON, 2007, p. 99, grifo nosso).

Veremos agora o próprio Mestre dizendo se chamar Jesus de Nazaré:

Jo 18,1-12: "Tendo dito isso, Jesus saiu com seus discípulos, e foi para o outro lado do riacho do Cedron, onde havia um jardim. Ele entrou no jardim com os discípulos. Jesus já tinha se reunido aí muitas vezes com seus discípulos. Por isso, Judas, que estava traindo Jesus, também conhecia o lugar. Judas arrumou uma tropa e alguns guardas dos chefes dos sacerdotes e fariseus e chegou ao jardim com lanternas, tochas e armas. Então Jesus, sabendo tudo o que lhe ia acontecer, saiu e **perguntou a eles: 'Quem é que vocês estão procurando?' Eles responderam: 'Jesus de Nazaré'. Jesus disse: 'Sou eu'**. Judas, que estava traindo Jesus, também estava com eles. Quando Jesus disse: 'Sou eu', eles recuaram e caíram no chão. Então Jesus **perguntou de novo: 'Quem é que vocês estão procurando?' Eles responderam: 'Jesus de Nazaré'. Jesus falou: 'Já lhes disse que sou eu. Se vocês estão me procurando, deixem os outros ir embora'**. [...]. Então a tropa, o comandante e os guardas das autoridades dos judeus prenderam e amarraram Jesus".

Por duas vezes Jesus se identifica como Jesus de Nazaré, a quem os guardas procuravam. Podemos ainda corroborar essa identificação trazendo o depoimento de Pedro, que possivelmente representa o pensamento dos outros discípulos. Em três momentos diferentes, ele disse:

At 2,22: "Homens de Israel, escutem estas palavras: **Jesus de Nazaré** foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem".

At 4,10: "Pois fiquem sabendo todos vocês, e também todo o povo de Israel: é pelo nome de **Jesus Cristo, de Nazaré**, - aquele que vocês crucificaram e que Deus ressuscitou dos mortos, - é pelo seu nome, e por nenhum outro, que este homem está curado diante de vocês".

At 10,38: "Eu me refiro a **Jesus de Nazaré**: Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder. E Jesus andou por toda parte, fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo; porque Deus estava com Jesus".

Nota-se a particularidade de que é afirmado que Pedro estava "cheio do Espírito Santo" (Jo 4,8) ao confirmar sobre a sua procedência: "Jesus Cristo, **de Nazaré**". Então, se Pedro inspirado não disse "Jesus Cristo, **de Belém**", é porque ele, certamente, não procedia da

cidade de Davi.

Em relação ao "A Escritura não diz que o Messias será da descendência de Davi e que virá de Belém, povoado de onde era Davi?" (Jo 7,42), na Bíblia Anotada temos a seguinte informação: *da descendência de Davi. Veja 2Sm 7:12. Belém. Veja Mq 5,2 (p. 1332).*

Fomos confirmar o que se tem no passo 2Sm 7,12 e vimos que nele não há previsão alguma a respeito da vinda de Jesus; na verdade, o que temos é uma profecia a respeito de Davi. Vejamos o teor do passo:

2Sm 7,12-13: *"Quando teus dias se cumprirem, e descansares com teus pais, então farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino".*

Incluimos também o versículo 13, para demonstrar que esse descendente de Davi é o rei Salomão, reinou Israel 970 a 931 a.C. (Bíblia Shedd, p. 1789) que construiu o Templo de Jerusalém. Como sabemos, Salomão é filho bastardo de Davi, fruto de seu adultério com Betsabeia mulher do soldado Urias, cuja morte foi tramada pelo rei Davi, que instruiu a seus soldados para deixá-lo sozinho no *front* da batalha contra os amonitas.

O interessante é que na própria Bíblia Anotada que cita esse passo (2Sm 7,12-16), encontramos:

Esta grande aliança que Deus, em graça, estabeleceu com Davi incluía as seguintes provisões: (1) Davi teria um filho que o sucederia e estabeleceria o seu reino, v. 12; (2) esse filho (Salomão), e não Davi, construiria o templo, v. 13a; (3) **o trono do reino de Salomão seria estabelecido para sempre**, v. 13b; (4) embora os pecados de Davi justificassem a disciplina, a misericórdia divina (heb., *hesed*; veja a nota sobre Is 2:19) seria eterna, vv. 14-15; (5) a casa, o reino e o trono de Davi seriam estabelecidos para sempre (v. 16). [...] (Bíblia Anotada, p. 415, grifo nosso).

Como distorcem as interpretações visando justificar mitos estabelecidos anteriormente, e não bastasse esse, foi também o que aconteceu com o outro (Mq 5,1 ou 5,2, dependendo da tradução). Na verdade, pegaram parte de um texto, que fora de seu contexto, pode dar uma ideia falsa do que realmente ele narra. Sobre Mq 5,1 ou 5,2, já falamos anteriormente, lá quase no início desse estudo.

Jo 19,19: *"Pilatos escrever também um letreiro e mandou colocá-lo no alto da cruz. Nele estava escrito: 'Jesus de Nazaré, o rei dos Judeus'".*

Teor na versão da Bíblia Ave-Maria e Novo Testamento Loyola; porém, não são unânimes as traduções quanto à denominação de "Jesus de Nazaré", na Bíblia Tradução Ecumênica se lê "Jesus, o Nazoreu" e na Bíblia de Jerusalém se tem "Jesus Nazareu", e em todas as outras o que se vê é "Jesus Nazareno" ou "Jesus, o Nazareno", entretanto, pelo que já vimos até aqui, não nos resta alternativa senão considerar a referência como sendo Jesus de Nazaré o nome escrito no letreiro.

Em resumo o que já temos até aqui:

1) Mateus faz Jesus nascer em Belém, local onde morava os seus pais, conta a história da matança das crianças por Herodes e fuga da família de Jesus para o Egito e ao voltar passa a residir em Nazaré.

2) Para Lucas a família de Jesus morava em Nazaré, e para que Jesus nascesse em Belém apresenta um suposto recenseamento ordenado por César Augusto, pelo qual as famílias deveriam voltar às cidades de origem dos seus antepassados, mesmo que eles tenham vivido mil anos antes.

3) Marcos, no início do seu relato, coloca Jesus partindo de Nazaré para ir ao encontro

de João Batista, do que se pode concluir que para ele essa era a cidade de nascimento de Jesus, pois caso não fosse ele, certamente, teria informado sobre isso.

4) Em João o relacionamento de Jesus com Nazaré acontece quando ele inicia o recrutamento dos seus discípulos, e um deles, Natanael, o reconhece como sendo de Nazaré.

5) Pelo que se depreende dos textos dos Evangelhos o povo, os discípulos, Pilatos e o próprio Jesus todos o reconhecem como de Nazaré, inclusive, não há um só passo em que ele é chamado de Jesus de Belém.

Assim, diante disso tudo, particularmente, concluímos que Jesus é natural de Nazaré e não de Belém como nos querem fazer crer alguns interpretadores bíblicos, certamente, para justificarem dogmas instituídos pelas suas correntes religiosas ou calcados apenas nas tradições.

Antes de finalizar vamos colocar dois pontos, nos quais se verá a opinião de vários autores, para que você, caro leitor, veja por si mesmo que de tudo quanto foi dito, ainda causa polêmica a questão da cidade de Nazaré ter existido ou não à época de Jesus e se em vez de Nazareno não seria Ele um nazireu?

Nazaré existia ou não?

O modo pelo qual os autores dos evangelhos falam de **Nazaré** não é menos característico. **Seu nome não figura no Antigo Testamento.** Os autores judeus do século I também nada dizem sobre ela, se bem que eles se façam notar (particularmente Flávio Josefo) pela amplitude de suas informações sobre o pequeno país que era a Judeia. **Ouve-se falar de Nazaré, pela primeira vez, nas fontes que datam do século III.** Ora, nos evangelhos, Nazaré é chamada de "cidade". (*Mateus*, II, 33; *Lucas*, I, 26; II, 39, etc.) **Não parece, portanto, que Nazaré tenha sido uma cidadezinha perdida que pudesse ser ignorada por todos os historiadores da Judeia.**

Porém, por que se encontra esse nome tantas vezes nos evangelhos? Para explicar isso, convém lembrar que no *Livro dos Juízes*, no *Antigo Testamento*, fala-se, por duas vezes, que Sansão será o "nazareno de Deus". A raiz dessa palavra em hebraico, *nazir*, significa um justo cuidadoso na observância estrita de certos ritos. **Os autores dos evangelhos não conheciam a Judeia senão pelos textos do Antigo Testamento e achando visivelmente, que "nazareno" significava originário de Nazaré, deram esse nome ao lugar do nascimento do Cristo, sem sequer suspeitar que semelhante localidade ou vila não existia na Judeia.** (LENTSMAN, 1963, p. 177, grifo nosso).

Estive recentemente em Nazaré e fiz exaustivas pesquisas com o propósito de comprovar as declarações contidas nos registros Rosacruz; a maioria de meus leitores ficará provavelmente surpresa em saber que, ao tempo em que Jesus nasceu, **não havia cidade ou vila na Galileia com o nome de Nazaré e que a cidade que hoje traz este nome, na Galileia, não só é uma cidade recente mas também veio a ter este nome, por causa da insistência dos investigadores em encontrar alguma localidade que tivesse o nome de Nazaré, na Galileia.** (LEWIS, 2001, p. 57, grifo nosso).

Houve grandes dificuldades na busca de um lugar que correspondesse ao nome de Nazaré, na Galileia, visto que nenhuma cidade com este nome fora mencionada no Velho Testamento e nenhum dos mapas antigos do tempo do Cristo revelava a existência desse local. **Um pequeno povoado chamado "en-Nasira", entretanto, foi localizado bem longe do Mar da Galileia e imediatamente rebatizado "Nazaré" e associado à infância de Jesus.** A descoberta deste povoado *en-Nasira* ocorreu no *terceiro século depois de Cristo*, e desde então passou a ser conhecido pelo nome de Nazaré, embora ainda hoje continuem a faltar quaisquer evidências que justifiquem o uso desse nome. Em Marcos VI: 1,2 diz-se que Jesus voltou a seu próprio país e que Seus discípulos o seguiram e que, quando chegou o *Shabat*, ele começou a ensinar na sinagoga. No quarto verso do mesmo capítulo, Jesus se refere ao fato de que Ele era um profeta em Seu próprio país, entre seus próprios parentes e em Sua própria casa. Essas referências foram interpretadas como sendo relativas a Nazaré, a

cidade onde muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Jesus nasceu e passou a infância. Ora, se é verdade que Jesus retornou à Sua cidade natal e pregou *na sinagoga para grandes multidões*, não poderia ter sido em *en-Nasira*, ou a chamada Nazaré; mesmo no segundo e terceiro séculos após o nascimento de Jesus, *en-Nasira* ou Nazaré ainda não tinha uma sinagoga nem era suficientemente grande para possuir qualquer edificação ampla onde multidões pudessem ter ouvido Jesus pregando, nem havia multidões nas vizinhanças para ouvi-Lo. Portanto, as referências de Marcos à Sua cidade natal não podem ter sido relativas a *en-Nasira*. *En-Nasira* era tão-somente um povoado em torno de um poço chamado na época de “poço da casa da guarda”, embora, segundo descobri, tenha sido chamado, nos últimos anos, de “Poço de Santa Maria”. Esta mudança de nome e a atribuição de significado religioso a um local sem importância da Palestina é bem típica das modificações que estão sendo feitas naquele país para agradar os turistas.

Procurando nos registros judaicos, vemos que estes confirmam que só nos livros do Novo Testamento, escritos muito após a vida de Jesus, há menção de Nazaré como uma cidade da Galileia, e que este local não é mencionado no Velho Testamento, nos escritos históricos de Josefo nem no Talmude. Durante a vida de Jesus, a cidade de Jafa era a mais importante na Galileia, sendo a que mais atraía os viajantes e era mais citada nos escritos históricos.

Nos registros da Igreja Católica Romana e nas suas enciclopédias, vemos que o vilarejo *en-Nasira* era conhecido estritamente como um povoado judeu até o tempo de Constantino, havendo referências de ser habitado *totalmente por judeus*. Esta pequena aldeia, em volta de um poço, portanto, não poderia ter sido o centro da população gentia da Galileia. Hoje em dia há uma pequena igreja ou capela em Nazaré, a qual visitei, supostamente erigida sobre a gruta onde Maria e José viviam no tempo da anunciação, quando o arcanjo revelou a Maria o iminente nascimento da encarnação do Logos. (LEWIS, 2001, p. 61-63, grifo nosso).

Será chamado Nazareno?

(Mateus 2:23) – “... assim se cumpriu o que foi anunciado pelos profetas: <Ele será chamado Nazareno>”.

Aqui, num pequenino trecho, não só um amontoado de erros, como muita mentira e má fé de Mateus (ou do escriba que fez o texto e atribuiu a ele a autoria do versículo). **Mateus especializou-se em inventar “profecias retroativas”** que aconteciam muitos anos (pelo menos 40 anos) depois dos fatos terem sido relatados como acontecido. Como também Mateus inventava muitas profecias do Antigo Testamento, sem que as citadas profecias realmente estivessem no Antigo Testamento. Isto porque, **não existe um único registro no Antigo Testamento a respeito de Nazaré ou Nazareno**. Trata-se de invenção de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele), escrevendo sobre a vida de Jesus mais de 70 anos após o seu nascimento e após a destruição de Jerusalém no ano 70, e tentando fazer coincidir, no ano 70, “profecias retroativas”, como se elas tivessem realmente se realizado. **Aliás, Nazaré sequer existia como cidade quando Jesus nasceu**. Existia, sim, o lago de Genesaré (Mar de Tiberíades), mas não **a cidade de Nazaré, que somente veio a existir alguns anos (cerca de quinze anos) após Jesus ter nascido**.

Vejamos a má fé de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele). Ele afirma, após o ano 70, época da destruição de Jerusalém e da diáspora e extermínio dos essênios, portanto 70 anos depois de Jesus já ter nascido, que 70 anos antes iria se realizar uma “profecia retroativa” e que Jesus iria ser chamado de Nazareno.

Uma profecia ao Contrário, relatada depois do fato ter acontecido, passados mais de 70 anos. Porém, **o mais gritante é que além de Nazaré sequer existir quando Jesus nasceu, sendo impossível, dessa forma, tal registro, Mateus ainda confunde Nazireu com Nazareno, que são coisas completamente diferentes**. (MACHADO, 2004, p. 168-169) (grifo nosso).

Mark Lidzbarski chega a afirmar que, durante a vida de Jesus, nem teria existido um lugar geográfico chamado Nazaré. Contra-argumentando, pode-se dizer que, embora não soubéssemos como era Nazaré

nos tempos de Jesus, **achados arqueológicos confirmam a existência daquele povoado (se é que uns precaríssimos abrigos podem ser chamado de "povoado")**, no período entre cerca de 900 a.C. e 600 d.C., e esses achados incluem também peças datando do reinado de Herodes, o Grande (de 40 a 4 a.C.). Aliás, o comentário pouco lisonjeiro de Natanael, transmitido pelo Evangelho de São João: "*De Nazaré pode, porventura, sair coisa que seja boa?...*", pode ser uma alusão à precariedade do lugarejo, todavia promovida a "cidade" pela Bíblia. Em todo caso, não há nenhum indício de Jesus, Maria e José. Somente desde o século XI da nossa era, o nome Nazaré ficou sendo comprovado pela Fonte da Virgem Maria, onde até hoje as mulheres vão buscar água com a qual enchem suas jarras, como o faziam nos tempos de Jesus... (KELLER, 2000, p. 367, grifo nosso).

Nazareno ou um Nazireu?

Da mesma forma, inexistente qualquer prova histórica ou arqueológica da "fuga para o Egito", como tampouco existe prova da estada de Jesus em Nazaré. Aliás, a rigor, a Bíblia cita Jesus por muito mais vezes como "nazireu" do que "nazareno", e "nazireu" pode ter vários significados, mas normalmente não define o "homem de Nazaré". Essa última interpretação poderia ser deduzida somente de maneira indireta, de um trocadilho com a palavra hebraica "nezer" = "vara", veja Isaías 11,1; "*Sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz*". De fato, o Evangelho de São Mateus torna a citar o termo convertido "nazareno" no contexto de uma profecia: "*...e, chegando, habitou uma cidade chamada Nazaré, cumprindo-se desse modo o que tinha sido predito pelos profetas, que seria lá chamado Nazareno*" (Mateus 2,23). Isso em nada facilita as coisas, pois não deixa bem claro a que profetas o texto se refere (a não ser Isaías, autor das palavras supracitadas). Talvez se pretenda estabelecer um certo nexos com o termo "nazireu" ("consagrado a Deus", qualificação outrora atribuída a Sansão (Juízes 13,5 e 7, 16,17)), que exigiu uma certa ascese por parte da pessoa assim qualificada (ele devia observar determinados tabus); contudo, tal conjectura não deixará de implicar em certos problemas filológicos. Assim, também, aí torna a surgir um sinal de interrogação, e a esse respeito cumpre não silenciar o fato de alguns cientistas interpretarem os pronunciamentos dos Evangelhos, mencionando Nazaré como "cidade da infância e juventude" de Jesus, como meras construções, relacionadas com o título "nazireu", não muito bem compreendido pelos evangelistas, os quais, por causa disso, reinterpretam-nos e sumariamente o substituíram por "nazareno". (KELLER, 2000, p. 366-367).

Em primeiro lugar, devemos tornar claro que o título de Nazareno não queria dizer que a pessoa que o tivesse fosse de uma cidade chamada Nazaré. O título de *Nazareno* era dado pelos judeus a pessoas estranhas que não seguiam sua religião e que pareciam pertencer a um culto ou seita secreta que existira ao Norte da Palestina por muitos séculos; podemos verificar na Bíblia Cristã que o próprio João Batista era chamado de *Nazareno*. Também encontramos muitas outras referências a pessoas conhecidas como *nazarenos*. Em Atos XXIV:5, encontramos um homem qualquer sendo condenado como provocador de uma rebelião entre os judeus em todo o mundo e sendo chamado de "líder da seita dos nazarenos". Sempre que os judeus entravam em contato com alguém em seu país que fosse de outra religião, e especialmente se tivesse uma compreensão mística das coisas da vida e vivesse de acordo com um código ético ou filosófico diferente do judaico, chamavam-no de *Nazareno* por falta de um nome mais adequado.

Existiu realmente uma seita chamada Os *Nazarenos*, citada nos registros judaicos como uma seita de *Primitivos Cristãos* ou, em outras palavras, aqueles que eram essencialmente preparados para aceitar as doutrinas cristãs. De fato, os enciclopedistas e autoridades judaicas parecem concordar em que o termo *Nazareno* abrangia todos os cristãos que haviam nascido judeus, que não desejavam ou não podiam abrir mão de seu antigo modo de vida, mas que tentavam ajustar as novas doutrinas às antigas. As enciclopédias judaicas também afirmam ser bastante evidente que os Nazarenos e os Essênios tinham muitas características em comum, e mostravam, portanto, tendência para o

misticismo. Os Essênios e Nazarenos, na verdade, eram considerados *heréticos* pelos judeus cultos, mas existe a seguinte diferença ou distinção no uso destes dois termos: os Essênios não eram tão conhecidos pela população da Palestina como os Nazarenos; um homem dificilmente era chamado Essênio a não ser por pessoas bem informadas, que conhecessem a diferença entre Essênios e Nazarenos, ao passo que muitos Essênios e membros de outras seitas que levavam uma vida peculiar ou não aceitavam a religião judaica eram chamados de Nazarenos.

São Jerônimo, famosa autoridade bíblica, refere-se ao fato de que em seu tempo ainda existia entre os judeus, em todas as sinagogas do Oriente, uma heresia condenada pelos fariseus, cujos seguidores eram chamados de Nazarenos. Ele disse que estes acreditavam que Cristo, o Filho de Deus, havia nascido da Virgem Maria, havia sofrido sob Pôncio Pilatos e ascendido aos céus. "Mas", disse São Jerônimo, "embora pretendessem ser ao mesmo tempo judeus e cristãos, não eram nem uma coisa nem outra".

Consultando as mais altas autoridades da Igreja Católica Romana, vemos que o título de Nazareno, aplicado ao Cristo, só ocorre uma vez na versão da Bíblia feita por Douai, e esta autoridade declara que o termo "Jesus Nazareno" foi uniformemente traduzido como "Jesus de Nazaré", o que representa um erro de tradução, sendo a forma correta "Jesus, o Nazareno". Em nenhuma parte do Velho Testamento existe a palavra Nazaré descrevendo uma cidade existente na Palestina, mas no Novo Testamento encontramos referências a Jesus regressando a uma cidade chamada Nazaré. Estas referências resultam da tradução da frase "Jesus voltando aos Nazarenos" para "Jesus retomando a Nazaré". Um ponto interessante é reforçado pelas autoridades católicas romanas, que dizem que Jesus, embora fosse comumente chamado de Nazareno, não pertencia absolutamente àquela seita.

Reunindo os registros judaicos e católicos romanos e comparando-os com as informações contidas em nossos próprios registros, verificamos que os nazarenos constituíam uma seita de judeus que, embora tentasse seguir os antigos ensinamentos judaicos, acreditava na vinda do Messias, que nasceria de maneira singular e seria o Salvador de sua raça. Depois de iniciado o ministério de Jesus, esses Nazarenos aceitaram Jesus como o Messias e também as doutrinas que Ele pregava, ao mesmo tempo que continuavam a tentar seguir muitos fundamentos de sua religião judaica. Os registros judaicos afirmam que os Nazarenos rejeitaram Paulo, o *Apóstolo dos Gêntios*, e que alguns Nazarenos só exaltavam em Jesus o fato de ser um homem justo. (LEWIS, 2001, p. 57-60)

Para efeito de argumentação, vamos conceder o benefício da dúvida e admitir que Mateus estivesse com falhas mentais (pois ele era contemporâneo de Jesus e que quando teoricamente escreveu o seu evangelho, logicamente já tinha mais de 80 anos) e com isso não se lembrou ou "confundiu" que Nazaré (a cidade) não existia quando Jesus nasceu, mas tão somente o lago de Genesaré.

Entretanto, como Mateus pode ter "confundido", novamente, Nazareno (nascido em Nazaré) com Nazireu (de Nazir), que é um judeu que tomou os votos de sacrifícios especiais, de não beber vinho, não comer uvas e não cortar os cabelos, que não era o caso de Jesus, pois Jesus era essênio, e como tal era adepto da eucaristia, do ritual do pão e do vinho, e comia uvas. Não podendo, por isso mesmo, ser um Nazireu.

A profecia do Antigo Testamento a respeito do Nazireu, refere-se a Sansão e não a Jesus. Dessa forma, Mateus ao "confundir" a profecia do Antigo Testamento sobre Sansão, que era Nazireu, que não bebia vinho, não comia uvas e não cortava os cabelos, com Jesus, chamando-o de Nazareno, não é o que se pode dizer como um caso do acaso, quando a má fé e má intenção estão bastante claras. Mas o pior de tudo é dizer que cumpriu-se a profecia do Antigo Testamento afirmando que o messias se chamaria Jesus, quando os nomes de "Jesus", assim como Nazaré, sequer são citados no Antigo Testamento. [...] (MACHADO, 2004, p. 169)

Nazareno

Esse adjetivo significa "natural de Nazaré". Essa palavra é usada no Novo Testamento referindo-se somente a Jesus, o qual tanto assim se chamou quanto foi chamado pelos outros. Ver Mat. 2:23, onde se lê que havia uma predição que

dizia que Jesus seria chamado Nazareno. Mas a palavra também é usada no plural, em Atos 24:5, onde está em foco a seita dos "nazarenos", isto é, os seguidores de Jesus. Isso mostra que Jesus foi chamado de "o nazareno" por parte de outras pessoas, amigas e inimigas, igualmente. Visto que o Antigo Testamento não menciona em parte alguma a cidade de *Nazaré*, ali também não se lê qualquer coisa sobre os possíveis nazarenos. Acresça-se a isso que alguns intérpretes têm confundido o significado de nazareno com o significado de *nazireu* (ver Núm. 6:1-21). No entanto, é possível que esteja em vista o termo hebraico *netser*, "ramo", pois Jesus, em diversos trechos bíblicos é chamado de "renovo de Jessé", ou seja, alguém pertencente à linhagem de Davi.

[...]

O título *Nazareno*, ainda que para nós seja um título famoso, por causa de Jesus Cristo, nos dias dele geralmente era usado como termo de menoscabo (ver João 1:45 7:52). No plano terreno, Jesus não foi alguma árvore grandiosa, um filho reconhecido da casa real de Davi; mas tão somente um renovo de Jessé. No entanto, sua grande estatura espiritual finalmente propagou a sua fama pela terra inteira. Conforme dissemos acima, alguns comentadores relacionam a palavra "nazareno" aos indivíduos que, no Antigo Testamento, são chamados "nazireus" (ver Núm. 6:2; 12:18-20), os quais faziam certos votos difíceis de serem cumpridos, votos de consagração a Deus. Tais comentadores, pois, aplicam essa ideia a Cristo, imaginando que, na qualidade de nazareno, ele teria o mesmo propósito que tinham os nazireus. Assim interpretam Tertuliano, Jerônimo, Erasmo, Calvino e outros intérpretes modernos. Mas, a despeito dessa interpretação envolver uma aplicação útil, não parece que Mateus quisesse destacar tal coisa, em 2:23 de seu evangelho. Acrescente-se a isso que, tanto no hebraico quanto no grego, *nazareno* e *nazireu* têm grafia diferente. Também há alguma razão na interpretação que diz que Jesus seria desprezado, como habitante da obscura cidade de Nazaré. Todavia, não parece ser isso o que o autor sagrado quis destacar nessa passagem. O que ele realmente queria era mostrar que Jesus pertencia à família de Jessé, como o Renovo de Davi, e, secundariamente, que o lugar onde Jesus residiu como criança, e onde também deu início ao seu ministério, fora escolhido por Deus, apesar das diversas circunstâncias que poderiam ter servido de obstáculo a esse ministério.

Quanto à expressão "Jesus de Nazaré", ver Marc. 10:47; Luc. 24,19. Os espíritos imundos assim chamaram a Jesus (Mar. 1:24; Luc. 4:34), tal como o fizeram os anjos que anunciaram a sua ressurreição (Mar. 16:6). É os trechos de Mat. 26:71 e Mar.14:67 mostram que essa expressão foi usada pejorativamente pelos inimigos de Jesus. E acabou sendo dada, como apelido de menosprezo à comunidade cristã (Atos 24:5). E Jesus continuou a ser vinculado a Nazaré, mesmo após a sua ressurreição, pelos seus discípulos (ver Atos 2:22; 3:6; 10:38). (CHAMPLIN e BENTES, vol. 4, 1995d, p. 465).

Após a morte de Herodes, novamente funciona a mediunidade onírica de José: em sonhos um anjo manda-o regressar à "terra de Israel", como ainda hoje se diz: $\kappa\alpha$ José obedeceu de imediato e (segundo Mateus) dispunha-se a regressar a Belém, quando "ouve dizer" que lá governava Arquelau, filho de Herodes. Instala-se nele o medo. Realmente, à morte de Herodes (4 A. C.) Arquelau tinha 18 anos; mas como os judeus se opuseram a seu reinado, revoltando-se por não ter sido deposto o sumo sacerdote Joasar, ele mandou matar 3.000 judeus (Josefo, Ant. Jud. XVII, 9, 1). Mas à noite, outro sonho esclarece-o, indicando-lhe que se dirija à Galileia, "a uma cidade chamada Nazaré". Como estamos vendo, essa cidade constituía para Mateus uma "novidade" absoluta. Parece que José e Maria nem a conheciam. Como conciliar com as palavras de Lucas, de que eles *eram da cidade de Nazaré*, isto é, que lá tinham nascido e residiam normalmente? Teria sido mais fácil dizer que do Egito regressaram à *sua cidade de Nazaré*... pois lá eles possuíam casa, a oficina de carpinteiro de José, os parentes e amigos. Entretanto, Mateus desconhece tudo isso, mostra-o desejoso de ir para Belém (fazer o quê?) e só o aviso .em sonho. o faz dirigir-se para Nazaré, como se fora um local que eles pisassem pela primeira vez. E ainda explica: "para que se cumprisse a profecia, que o chama NAZOREU". Nem é "nazareno"...

Esse gentílico é usado quatro vezes por Marcos e duas vezes por Lucas. Mas o próprio Mateus emprega duas vezes *nazoreu*, que é utilizado uma vez por

Lucas, três vezes por João, e sete vezes por Atos.

Eram assim chamados (nazoreus) os cristãos por volta do ano 60 (At. 24:5). O Talmud denomina Jesus o NOZRI, e chama os cristãos NOZRIM.

Notemos que não há profecia alguma que diga dever o Messias ser chamado "nazareno" nem "nazoreu". A única frase que poderia ser aplicada seria a de Isaías (11:1) quando diz que "do tronco de Jessé sairá um rebento, e de suas raízes sairá um renovo (= nezêr) que frutificará. E o Espírito de YHWH se deterá nele". Tendo Mateus apresentado Jesus como o último rebento (o renovo) na genealogia, pode ter feito mentalmente uma aproximação, embora forçada. (PASTORINO, vol. 1, 1964, p. 90)

A Palavra "Nazareno" aparece com mais frequência sob a forma "Nazoreu" (*nâshôray* e *nazôraios*, em hebr. e grego). Porém, não se confunda essa palavra com "nazireu"! Com efeito, nos evangelhos temos onze vezes a forma nazoreu (Mt. 2:23 e 26:71; João, 18:5,7, e 19:19; Atos, 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9) contra seis vezes a forma "nazareno" (Marc. 1:24; 10:47; 14:67 e 16:6, e Luc. 4:34 e 24:19). Mesmo neste local o texto de Mateus varia nos códices entre *nazarenus* (Vaticano e outros) e *nazoreu* (Sinaítico e outros). (PASTORINO, vol. 6, 1969, p. 129)

Segundo João (episódio omitido nos sinópticos) Jesus se aproxima da malta e pergunta "A quem procuram". A resposta é rápida: "Jesus, o nazoreu". No original não está "nazareno", forma que só aparece em Marcos (1:24, 10:47; 14:67 e 16:6) e Lucas (4:34 e 24:19). A forma "nazoreu" está em Mateus (2:23 e 26:71), em Lucas (18:37); em João (18:5 e 7 e em 19:19) e nos Atos (2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9), podendo reler-se o que escrevemos no vol. 1.

(*) Passos estudados: Mt 26:47-56; Marc. 14:43-52; Lc 22.47-53; João, 18:2-12 (N. A.).

(PASTORINO, vol. 8, 1971, p. 70).

Levando-se em conta o que está aqui abordado, sobre esses dois pontos polêmicos, ficamos sem saber para que lado ir, pois se nem os especialistas se entendem, que dirá de nós simples mortais? Em princípio, mantemos a nossa opinião anterior, por parecer-nos que a maioria das informações tende mais para o que lá concluímos. Certamente, que jamais iremos impor a nossa maneira de pensar a quem quer que seja, pois se advogamos para nós o direito de livre pensar, somos, moralmente obrigados a dá-lo aos outros.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Out/2011

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica, 1ª ed. (?). São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996 (?).
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

- Novo Testamento, s/ed. São Paulo:Loyola, 1984.
- ARIAS, J. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CAVALCANTE, R. Quem foi Jesus. In: *Revista Superinteressante*, São Paulo: Abril, edição 183, dez/2002.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 1. São Paulo: Editora Candeia, 1995a.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. vol. 4. São Paulo: Editora Candeia, 1995d.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- LOES, J. A face humana de Jesus in: *Revista IstoÉ*, nº 2093, 2009, p. 62-77.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.
- KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...* São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- LENTSMAN, J. A. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.
- MACHADO, R. C. *A sociedade secreta de Jesus*. São Paulo: Ibrasa, 2004.
- PAGELS, E. *Além de toda crença: o Evangelho desconhecido de Tomé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 6. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 8. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1971.
- PUCCINELLI JUNIOR, R. C. *Jesus ensina as leis da Criação: nova interpretação de textos bíblicos*. Embu, SP: Ordem do Graal na Terra, 2006.
- RENAN, E. *Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VERMES, G. *Natividade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- WILSON, A. N. *Jesus, o maior homem do mundo*. São Paulo: Prestígio, 2007.
- Revista IstoÉ*, nº 2093, São Paulo: Editora Três, 23/12/2009.
- Revista Superinteressante*, São Paulo: Abril, edição 183, dez/2002.